

ESTADO DE SÃO PAULO

10 MAI 1989

Pós no Brasil é longa demais

Seiscentos pesquisadores de Educação vão debater hoje, na Universidade de São Paulo (USP), por que os cursos de pós-graduação no Brasil estão entre os mais demorados do mundo. A discussão está marcada para se iniciar às 16h30, no anfiteatro de convenções da Cidade Universitária, onde se realiza a 12ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação — evento que começou ontem, e se prolongará até sexta-feira — cujo tema central são os cursos de pós-graduação na área de Educação.

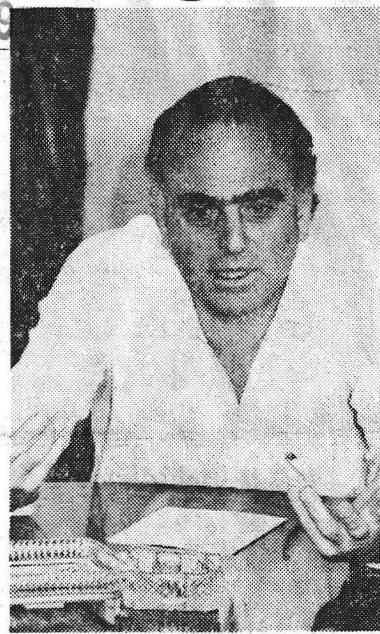
A Coordenadoria de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (Capes), órgão vinculado ao MEC e um dos participantes do encontro, não tem dados atualizados sobre o número de títulos de mestres e doutores outorgados a cada ano. Em sua última estatística divulgada em 1985, o órgão somava 38.675 estudantes que se preparavam para o mestrado e 7.400 para o doutorado. Em 1982, segundo a Capes, a média de doutores e mestres formados anualmente era de 672 e 3.848 respectivamente.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), outro órgão financiador de cursos de pós-gra-



Luisa, do CNPq: redução

duação que participa da reunião, tem um levantamento que aponta ser de quatro anos e meio a duração média do curso de mestrado e de cinco anos e meio a de doutorado. "É um tempo muito elevado. Pós-graduação tem de ser jogo rápido. O mestrado não pode durar mais do que dois anos e o doutorado pode ser feito tranquilamente



Renato: válvula da crise

em quatro anos", acredita a professora Luísa de Sá Moreira, analista de desenvolvimento científico do CNPq e uma das participantes do encontro.

Se a USP ou a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) seguissem esses prazos para jubilar seus alunos de pós-graduação, certamente o Brasil — que tem apenas um

cientista para cada quatro mil habitantes, enquanto os Estados Unidos têm um para cada 300 — ficaria com um quadro de pesquisadores ainda mais reduzido. Na Unicamp, há alunos matriculados em doutorado há mais de 13 anos, um tempo que o professor Bernardo Beiguelman, pró-reitor de Pós-Graduação, considera absurdo em seu relatório sobre o mestrado e o doutorado na Unicamp.

Entre as causas da demora da pós, Beiguelman cita, nesse documento de 40 páginas, a incompetência e o desinteresse do professor-orientador em formar rapidamente doutores e mestres — os virtuais concorrentes na disputa pelas escassas verbas governamentais de pesquisa. O vice-reitor da USP, Roberto Leal Lobo e Silva Filho, autor de diversos artigos sobre pós-graduação, diz que o período de crise econômica faz crescer o número de alunos interessados em cursar mestrado ou doutorado.

O reitor da Unicamp, Paulo Renato Souza Costa, acrescenta ao raciocínio de Lobo a tese de que o estudante, durante a recessão, encontra na universidade, protegido por bolsas de NCzs 600,00 mensais, um refúgio seguro contra o desemprego.

CNPq não controla bolsistas

BRASÍLIA — Depois de manter um bolsista durante quatro anos no Exterior, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) não sabe se ele se transformou num novo Einstein ou em um vendedor de cachorro-quente. O custo de cada um dos 3.500 bolsistas que o CNPq mantém nas universidades estrangeiras é de US\$ 23 mil (NCzs 24,2 mil), em média, o que significa um gasto anual de US\$ 80,5 milhões (NCzs 84,76 milhões). Mesmo assim, o órgão governamental, que recebe durante quatro anos relatórios semestrais desses bolsistas, não conseguiu ainda um parâmetro para avaliar o sucesso ou fracasso de cada um deles.

A falta de controle pelo CNPq do destino de seus bolsistas reproduz no Exterior uma situação comum no Brasil: o aluno recebe até a última par-

cela da bolsa e não presta contas sobre sua defesa de tese ao órgão financiador. O CNPq pretende implantar no próximo ano um projeto para acompanhar e avaliar seus bolsistas até a defesa da tese ou conclusão pura e simples de uma pesquisa em instituição estrangeira. Para isso, o conselho assinou convênios com universidades dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha.

O presidente do CNPq, Crodowaldo Pavan, reconhece que o acompanhamento do retorno e a avaliação dos bolsistas no Exterior é rudimentar, mas argumenta que isso se deve à diferença entre o número de pedidos anuais (90 mil) e o das bolsas concedidas (30 mil), além da falta de pessoal. Segundo Pavan, a instituição e o número de bolsas cresceram, mas não houve contratação de pessoal.

EUA podem abolir dissertações

NOVA YORK — Obter um título de doutorado nos Estados Unidos está cada vez mais difícil e demorado, a ponto de o Conselho de Pós-graduação das escolas, formado por 300 reitores de todo o país, avaliar a possibilidade de acabar com as teses e dissertações de final de curso exigidas atualmente. Na década de 60, um candidato a doutorado levava em média cinco anos e meio para concluir sua tese — tempo elevado agora para sete anos.

"A defesa de tese é um grande desperdício de recursos nacionais, não apenas financeiros, mas também intelectuais", diz Teodor Ziolkowski, reitor de graduação em Princeton, uma das universidades que ainda mantêm a média antiga de cinco anos e meio para obtenção do título. Várias escolas aceitam artigos publicados em re-

vistas no lugar das teses, como sinal de qualificação para empregos acadêmicos, e o conselho de Pós-Graduação — que reúne especialistas de várias universidades — já nomeou uma comissão para estudar alternativas desse tipo. Alguns reitores argumentam que os estudantes perdem os anos mais produtivos da vida imersos no estafante trabalho de produzir uma tese.

O trabalho de tese, segundo certos reitores, transformou-se apenas num ritual traumático, pois pelo menos 70% dos aprovados não escrevem mais nada até a aposentadoria. A razão principal do desinteresse dos estudantes em terminar cedo o curso, diz o Conselho de Pós-Graduação, parece ser o fato de que a maioria deles não vê muita possibilidade de emprego imediato e prefere continuar no ambiente universitário — que em geral é muito agradável.